

Eu estudo português!

Quem nunca foi abordado com um "hello" por um japonês? Sem dúvidas, a influência do inglês no cotidiano dos japoneses é muito grande, mas o interesse por outras culturas e idiomas também. Conheça alguns cidadãos de Yamanashi que estudam a língua portuguesa e são amantes da cultura brasileira. Se você encontrar algum deles nas ruas de Yamanashi, não hesite em abordá-los com um "olá"!

Quando estava na terceira série do Ensino Fundamental tive uma amiga brasileira. Lembro-me que certa vez, quando fui brincar na casa dela, fui servida com um embrulho de chocolate em formato de ovo -- ovo de Páscoa -- e ao abri-lo havia mais chocolate! Lembro-me que os pais da minha amiga tiveram dificuldades em trabalhar no Japão por não compreenderem o japonês e acabaram voltando ao Brasil. Sei que casos como esse não são poucos, por isso, espero que a partir dos estudos do português e da assimilação da cultura brasileira eu consiga assistir aos brasileiros de alguma forma. Ainda, é crescente o número de crianças brasileiras nas escolas japonesas, por esta razão, espero que para essas crianças eu possa retribuir de alguma forma.



Hibiki irá estudar Letras português na Universidade de Sofia, em Tóquio.

Eu sou metade brasileiro, pois a minha mãe é brasileira e o meu pai japonês. Quando me tornar fluente na língua quero conversar bastante com os meus tios no Brasil. Gostaria muito de visitar as igrejas frequentadas por brasileiros para que eu pudesse ter um contato maior com eles. Sei que o dia-a-dia no Japão é cheio de inseguranças e preocupações e sempre penso quão bom seria se pudesse assistí-los. Para isso, preciso me empenhar mais nos estudos...quem sabe se encontrar uma namorada brasileira eu me motive mais, assim como meu pai outrora fora motivado...

Takashi Júnior, Kofu.

Eu particularmente gostaria de aprender português o suficiente para poder viver e conhecer o interior do Brasil. Embora tenha estado nas principais grandes cidades brasileiras, a receptividade com os turistas mantendo uma distância considerável - me tranquilizaram - foram os pontos mais marcantes. Acredito que para melhorar a integração dos japoneses com os brasileiros é importante que surjam locais

"espontâneos" em que as pessoas possam e acabem se reunindo "naturalmente". Não criar um bar, uma cafeteria, um restaurante para este fim específico, e sim, que as pessoas acabem se reunindo com interesses em comum. É evidente que eventos como a Festa Junina são excelentes oportunidades, mas infelizmente é uma vez ao ano, por isso, julgo essencial o "surgimento" da integração a partir de tais interesses.



O casal Kobayashi são joalheiros. Utilizam-se de matéria-prima brasileira para a confecção de suas jóias e acessórios.

Eu estudo japonês!

Miyuki Sakairi participou do "II Concurso de oratória para estrangeiros de Yamanashi" realizado no dia 2 de março, no Centro Internacional de Yamanashi, no qual obteve o 2o lugar na classificação geral. O texto foi traduzido do japonês e serve de incentivo a todos os estrangeiros.

Lições que aprendi com o Monte Fuji

Hoje, vou falar um pouco da minha história. Quando eu tinha 13 anos, perdi o meu pai num acidente de avião. A situação ficou difícil para minha família e aos 16 anos decidi vir trabalhar no Japão. Foi aqui em Yamanashi que pude mudar a minha vida.

Como eu sempre pensava que um dia voltaria ao Brasil, não julgava importante aprender as coisas sobre o Japão e a cultura local. Como estava sempre convicta dos meus objetivos, sempre mantive os meus pensamentos focados no trabalho e trabalhar em prol da minha família no Brasil. Como não sabia japonês, mesmo nos momentos difíceis, acabei me fechando no meu próprio mundo, o que tornava difícil até mesmo acreditar nas pessoas, sendo que na verdade os meus sentimentos mais profundos eram de tristeza. Mesmo assim, não queria me entregar, eu queria me tornar mais forte e não sabia como me fortalecer.

Passados sete anos de Japão, vim morar em Yamanashi, a "Terra do Monte Fuji". Os japoneses têm um respeito muito grande e o veneram como se fosse Deus, não é mesmo? E foi o Fuji-san que me ensinou e preencheu o vazio do meu coração. Foi no dia 13 de agosto de 1998, quando resolvi escalar o Monte Fuji, uma vontade insaciável do meu marido que contrariava a minha vontade que tudo começou. Ao iniciar a escalada comecei a sentir o drama. Havia muitas pessoas vindo atrás e não tinha como voltar sendo a única opção seguir adiante. Assustei-me com a multidão de japoneses, estrangeiros, idosos...

Atingir o cume não foi tarefa fácil. Havia muitas pessoas que desistiram no meio do caminho e no semblante de cada um, o sofrimento, as dores, e, em meio a tantos rostos, alguns rostos também de alegria. Vi que todos estavam lá por um objetivo comum, independentemente de seus países de origem, mesmo tendo línguas diferentes senti que é possível trilharmos pelo mesmo caminho. Foi quando percebi pela primeira vez que na realidade vivi todo esse tempo envolta numa

parede que eu mesma havia construído.

Dos amigos que iniciaram a escalada comigo um deixou de trilhar na 7a estação, e outro e outro. Foi quando uma força do além, inexpressável em palavras, se manifestou dentro do meu peito. Embora o objetivo principal era ver o nascer do sol, com o passar do tempo, o objetivo maior era alcançar o topo e nada mais.

Passadas oito horas, finalmente atingi o ponto mais alto do Japão! Embora o tempo estivesse nublado e não tenha conseguido avisar o nascer do sol, todos aqueles que estavam lá bradavam "banzai!" - viva! Era como se tivesse retirado um peso enorme dentro de mim e em silêncio, aos prantos, orei. Foi quando pela primeira vez eu encontrei a resposta para mim mesma: obrigada papai, obrigada mamãe. Obrigada por tudo que vocês fizeram por mim. A partir de hoje inicio uma nova página da minha vida.

É possível mudar a vida desde que se queira. Contudo, a mudança começa dentro de si mesmo. E eu enxerguei a outra possibilidade que existia para eu viver.

Hoje faz 17 anos que estou no Japão. Estou casada e tenho três filhas e moramos em Minami Alps levando uma vida em harmonia com a cultura brasileira e japonesa. Há um ano atrás, ajudei na criação da associação de voluntários "Chikyu Mura" - Vila da Terra - e é lá que estudo o japonês. Participando de diversas atividades de intercâmbio e cooperação na associação levo uma vida muito feliz!



Trabalhando pelos brasileiros em Yamanashi

A partir desta edição vamos apresentar os brasileiros que fazem trabalhos em prol da comunidade brasileira em Yamanashi. Com o aumento do número de brasileiros se fixando em nossa província vem se tornando crescente a presença de nacionais nas atividades e serviços oferecidos pelos órgãos públicos japoneses e estes assistindo as instituições brasileiras.

Há quinze anos em Yamanashi, Marina Uezu, psicóloga com especialização em gerontologia, presta assistência em diversos órgãos japoneses.

The Yamanashi Newsletter: O que é o Hello Work e quais são as atividades que você realiza?

Marina: É um órgão do Ministério do Trabalho e do Bem-estar Público que tem como objetivo ajudar o trabalhador a encontrar emprego por meios legais.

TYN: Como você avalia a situação da empregabilidade dos brasileiros em Yamanashi e a alocação dos brasileiros em empresas japonesas?

M: A apresentação de trabalhadores estrangeiros, de uma forma geral depende da oferta e da procura. Tentamos assistir em aspectos como o transporte, idioma japonês, moradia, etc.

TYN: Como você avalia a mudança do perfil dos brasileiros em Yamanashi nos últimos anos?

M: O perfil tem mudado bastante nesta década. Antes éramos mais unidos, talvez pelas dificuldades e esperanças que nos cercavam. Os grupos estavam mais centrados e na vida social o papel da igreja teve a sua parcela de contribuição. Tínhamos também uma figura muito importante e conhecida de destaque: a senhora Ruth Fujimori que com a sua experiência de anos no Japão como estudante e profunda conhecedora da cultura japonesa

sempre nos serviu como modelo em termos de orientação, aconselhamentos e nos incentivava com o objetivo de proporcionar uma qualidade de vida em todos os sentidos. Com o crescimento da população brasileira na província e também pelas facilidades que os brasileiros encontram hoje em todos os sentidos, as pessoas foram se dispersando e perdendo um referencial mais experiente.

TYN: O que você julga necessário para que haja mais integração entre brasileiros e japoneses na província?

M: Seria interessante que os diversos grupos de diferentes representatividades se reunissem para se fortalecer como um todo para que possamos desempenhar cada qual o seu papel social. Assim, poderemos preservar a nossa identidade e sermos respeitados como cidadãos capazes de engajarmos em diferentes culturas com integridade, pois só assim poderemos romper certas barreiras que impedem a verdadeira integração.

TYN: Muitos brasileiros não se interessam em aprender o idioma ou assimilar a cultura dos japoneses, julgando que um dia retornarão ao Brasil. O que você pensa sobre isso?

M: Os brasileiros são alegres, descontraídos e amorosos, porém mais acomodados e têm uma característica cultural, na minha concepção, de não se fazer planejamentos a longo prazo. Acredito que todos deviam pensar que no decorrer de uma jornada as variáveis podem se alterar tomando outro rumo. A falta de planejamento no presente pode gerar problemas futuros e principalemnte no

aspecto da educação das crianças, as mais afetadas quando não há o vínculo com as terras em que se vive.

TYN: O seu filho está na faculdade japonesa, o que representa uma pequena parcela dos muitos brasileiros em idade escolar que abandonam os estudos tomando o caminho das fábricas. Como mãe, qual a mensagem que você gostaria de passar para os pais que têm filhos em idade escolar?

M: São os valores dos pais frente a educação e como eles desejam preparar seus filhos para o futuro que fazem a diferença. Isso começa pela educação dos pais que devem aprender a respeitar mais as escolas, serem mais presentes, ativos e participativos. A educação é um investimento que necessita de tempo e dinheiro e que traz a recompensa emocional ou social a longo prazo. Por isso, a minha mensagem é para que as pessoas criem metas no plano familiar, além do trabalho e da vida cotidiana, formando bases com estruturas sólidas de ordem moral, social e humano.



Há aproximadamente oito anos em Yamanashi, Miriam Nagai, é a Coordenadora Pedagógica do Colégio Pitágoras de Yamanashi. É membro representante dos estrangeiros da Comissão para Promoção da Convivência Multicultural do Governo da província de Yamanashi.

The Yamanashi Newsletter: Como tem sido o intercâmbio do Colégio com instituições japonesas e o próprio governo japonês?

Miriam: TYN: Conte-nos um pouco sobre o prêmio agraciado pela Mitsui Bussan e o que isso representa à escola.

M: O prêmio oferecido pela Mitsui Bussan foi muitíssimo bem-vindo e será bem aproveitado. Este grupo forneceu para a nossa escola novos computadores, livros em português, japonês e inglês para a nossa biblioteca; materiais esportivos, um playground, materiais de laboratório, de projeção, dentre outros. Com esses equipamentos nossos alunos terão aulas mais diversificadas e dinâmicas que consequentemente refletirão num melhor aproveitamento. Agradecemos à Mitsui Bussan pela grande contribuição à educação das crianças brasileiras.

TYN: Muitos brasileiros não têm interesse em aprender o idioma ou assimilar a cultura dos japoneses julgando que "um dia" retornarão ao Brasil. Isso é um dos principais problemas para a falta de comunicação, integração e compreensão entre os japoneses e os estrangeiros. O que você pensa sobre isso?

É necessário o esforço de ambas as partes, ou seja, mais brasileiros interessados na integração com a cultura japonesa e ao mesmo tempo, maior abertura por parte dos japoneses, cidadãos comuns e também do governo japonês. Acredito que seja importante a realização de intercâmbios culturais

que envolvam brasileiros e japoneses, o que possibilitaria o estreitamento de laços entre culturas tão distintas. Penso que nós brasileiros temos que fazer a nossa parte para que a integração seja mais completa. Muitos não pretendem ficar por um longo período aqui no Japão, mas independente do tempo, é nosso dever estar integrado nesta nova sociedade tão diferente daquela com a qual estamos acostumados. Devemos estar a par dos nossos direitos e deveres, assim, a integração dar-se-á de maneira mais natural.

TYN: O seu filho está na escola brasileira, mas há tantas crianças que não estão em escola alguma. Como mãe e educadora, qual a mensagem que vocês gostaria de passar aos pais que têm filhos em idade escolar?

M: Aos pais, gostaria que eles pensassem que o futuro dos nossos filhos começa a ser construído dentro da família, por isso, é essencial a convivência verdadeira entre pais e filhos. Entende-se por convivência verdadeira não a presença física, mas a presença do coração, do afeto. Aproveitem o melhor que puderem, participem, conversem, orientem, pois tudo passa e o passado não pode ser modificado, mas o futuro sim. É só após a educação familiar que se tem início a educação escolar o que é imprescindível para estarem preparados para o mundo atual.

